

## CAPÍTULO 2

# ENTRE O VISÍVEL E O OCULTO: A PROMOÇÃO DA SAÚDE PARA A POPULAÇÃO TRANSGÊNERA E OS DESAFIOS DA EQUIPE DE SAÚDE

*Data de submissão: 03/02/2025*

*Data de aceite: 05/03/2025*

### **Regina Martins Reggiori**

Mestre em Educação (conclusão dezembro de 2021 - aguardando certificação) pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai - URI/ FW. Ampla experiência em serviço de enfermagem generalista, gestão do cuidado, gestão da assistência de enfermagem. Atualmente é enfermeira gestora do serviço de Enfermagem da Associação Hospitalar Beneficente Santo Antônio de Tenente Portela - RS. Professora do curso de Enfermagem do Centro Universitário- UCEFF Itapiranga. Miraguai-RS  
<http://lattes.cnpq.br/9265455486823410>

### **Vania Cristian Souza da Luz**

Pós-Graduada em Gestão dos Serviços de Enfermagem e Pós-Graduada em Enfermagem em Terapia Adulto e Neonatal - Centro Universitário FIBRA. Atuou como enfermeira assistencial no Hospital Metropolitano de Urgência e Emergência e Preceptora de Estágio do curso de enfermagem pelo Centro Universitário - FIBRA. Marabá- PA  
<http://lattes.cnpq.br/2077324520987891>

### **Ezequias Paes Lopes**

Mestrado em andamento (início em março de 2025) em Enfermagem pelo PPGENF. Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Especialização em andamento em ENFERMAGEM DO TRABALHO. Faculdade FAMART, Brasil. Especialização em andamento em Enfermagem em Terapia Intensiva e Emergência - Adulto. Universidade La Salle - Canoas, UNILASALLE. Atuou como enfermeiro assistencial na internação clínica e como emergencista no Hospital Regional de São Jerônimo. Charqueadas-RS  
<http://lattes.cnpq.br/5050728337258979>

**RESUMO:** INTRODUÇÃO: O objetivo foi de relatar a experiência vivenciada por um grupo de profissionais de saúde, que durante suas rotinas encontraram como desafios usar os pronomes de maneira correta para pessoa transgênera. METODOLOGIA: Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, baseado na vivência de profissionais de saúde que atuam na assistência direta ao paciente. RESULTADOS E DISCUSSÃO: O retorno proporcionado pelos profissionais

que participaram da atividade foi bastante positivo, com aceitação e valorização do conhecimento construído, com profundas reflexões identificadas por meio dos discursos. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A importância da comunicação efetiva, pautada no respeito a identidade de gênero, o desejo de como a pessoa quer ser chamada (o), desprender-se dos achismos ou dogmas precedidos de preconceitos velados, assegurando uma promoção de saúde que vislumbrando uma melhoria significativa na saúde da população transgênera.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pessoas Transgênero. Equipe de Assistência ao Paciente. Promoção em Saúde. Serviços de Saúde.

## INTRODUÇÃO:

“Em 2020, o Brasil assegurou para si o 1º lugar no ranking dos assassinatos de pessoas trans no mundo, com números que se mantiveram acima da média”. Neste ano, “encontrou-se notícias de 184 registros que foram lançados no Mapa dos assassinatos de 2020”. Mediante “análise minuciosa, chegou-se ao número de 175 assassinatos, todos contra pessoas que expressavam o gênero feminino em contraposição ao gênero designado no nascimento” (BENEVIDES, NOGUEIRA, 2021).

Ressalta que a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), instituída pela Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011, e pactuada pela Comissão Intergestores Tripartite (CIT), conforme Resolução nº 2 do dia 6 de dezembro de 2011, que orienta o Plano Operativo de Saúde Integral LGBT, o atendimento e a prestação de assistência junto ao serviço de saúde é incipiente, carregado pelo estigma e preconceito vivenciado diariamente junto aos serviços de assistência à saúde, corroborando para o afastamento dessa população em questão do serviço de saúde **(BRASIL, 2013)**.

A “Política Nacional de Saúde LGBT é tida como um divisor de águas para as políticas públicas de saúde no Brasil e um marco histórico de reconhecimento das demandas desta população em condição de vulnerabilidade”. Assegurar que a legitimidade das suas necessidades esteja em conformidade aos postulados de equidade previstos na Constituição Federal e na Carta dos Usuários do Sistema Único de Saúde no qual têm-se tornado desafiador **(BRASIL, 2013)**.

Cortes et al., (2019) ao realizarem um estudo de abordagem qualitativa que buscou analisar a vivência de mulheres transgêneras de um município do recôncavo da Bahia, afirmam que tais vivências experienciadas pelas mulheres transgêneras, “são marcadas por preconceitos e estigma, não acesso aos serviços de saúde e aspectos de vulnerabilidade social que tendem a levar estas mulheres a desconfortos e sofrimento psíquico”. Todavia, salientam que “o apoio de familiares, de amigos e de outras mulheres transgêneras representam fatores positivos de enfrentamento às violências e preconceitos”.

De acordo com Rocon et. al (2020), os principais desafios identificado sobre o acesso universal ao SUS da população transexual são a discriminação nos serviços,

equipamentos de saúde, a patologização da transexualidade, o acolhimento inadequado; a exigência de cirurgia; a qualificação dos profissionais; a ausência de política de atenção básica e inexistência de rede de saúde; e a escassez de recursos para o financiamento dos processos transexualizadores e de políticas de promoção da equidade e respeito às identidades de gênero trans.

Segundo Benevides, Nogueira (2021), “pessoas transexuais têm enfrentado níveis assustadores de rejeição familiar, geralmente, desde a mais tenra idade, onde tal rejeição pode implicar em impacto devastador sobre os indivíduos” desta forma contribuir para o “isolamento dos espaços sociais essenciais ao seu bem-estar, além de provocar um aumento das dificuldades de acesso e continuidade na formação escolar”. Por consequência, pela falta de suporte, de apoio, a qualificação profissional se torna inviável, impondo-lhes uma interrupção do processo de acesso à cidadania e causando impactos em sua saúde mental, além de alto níveis de isolamento e suicídio.

Cortes et al., (2020), afirmam que é preciso buscar “compreender as vivências e experiências da população transexual junto aos serviços de saúde”, uma vez, que tais vivências “permitem um entendimento maior do hiato que encontramos entre as políticas de saúde e as práticas que estão sendo concretizadas no cotidiano dos serviços”. Os autores “acreditam que estas compreensões podem alavancar práticas de saúde mais efetivas e sensíveis às pessoas transgêneras e suas transespecificidades, atendendo as suas demandas de saúde e no mínimo reduzindo o cenário de inequidades ora revelado”.

Ao realizarem uma pesquisa com abordagem qualitativa Cortes et al (2020), discorrem que é “necessária a inclusão da temática da atenção à saúde integral das pessoas transgêneras nos currículos de formação dos profissionais de saúde”. Anda que existam disciplinas intituladas saúde do adulto ou saúde da mulher estas são direcionadas para um olhar reprodutivo e não de fato para a mulher ou o homem, haja vista que “a educação permanente no contexto das redes de atenção à saúde, precisa ser efetiva desde a atenção primária à saúde até os níveis de maior complexidade”.

Ressaltando que o Brasil é o País que mais mata pessoas transexuais no mundo, esta pesquisa torna-se relevante em poder contribuir para uma assistência de enfermagem baseada na efetivação da promoção da saúde frente ao processo de viver humano a luz da saúde da população transexual, respeitando sua vivência, fragilidade, vulnerabilidade, disseminar o conhecimento científico e mitigar o atendimento discriminatório e excludente da população estudada.

O presente estudo justifica-se por ter-se observado um déficit pela equipe de saúde em relação ao pronome usado para se dirigirem aos usuários transgêneros.

Dessa forma, teve-se por objetivo expressar a experiência vivenciada por um grupo de profissionais de saúde, que durante suas rotinas encontraram como desafios usar os pronomes de maneira correta para pessoa transgênera. A atividade foi realizada no 2º andar clínico de internação de um hospital de médio porte da Região Carbonífera do Rio

Grande do Sul no período de 2024, tendo sido a temática escolhida em conjunto entre os profissionais.

## **METODOLOGIA:**

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, baseado na vivência de profissionais de saúde que atuam na assistência direta ao paciente. A escolha em relatar a experiência ocorreu uma vez que possibilita descrever a vivência com base na interpretação, com objetividade e na fundamentação do aporte teórico. A experiência foi vivenciada durante as atividades diárias ocorrido no ano de 2024.

O estudo foi realizado em um hospital público localizado na região carbonífera, no Estado do Rio Grande do Sul. Este estabelecimento de saúde é referência no atendimento de média complexidade. O público-alvo do estudo foi a equipe de saúde da Unidade de Clínica de Internação Adulto, atuantes nos períodos da manhã, tarde e noite, no referido hospital.

**A partir dos preceitos** de Charles Maguerez, utilizou-se a metodologia da problematização, constituída de cinco etapas (MITRE et. al., 2008).A primeira etapa correspondeu à observação da realidade e a definição do problema. Observou-se certa dificuldade por parte da equipe de saúde em usar os pronomes quando se tratava de pessoas transgêneras.

**Na segunda etapa**, realizou-se o levantamento dos pontos-chave, no qual iniciou-se uma reflexão sobre entre o visível e o oculto: os desafios da equipe de saúde o atendimento para a população transgênera. Nessa etapa avaliou-se: os pronomes usados para se referir aos pacientes, as dificuldades em compreender identidade de gênero e se já haviam recebido treinamento sobre identidade de gênero.

Na teorização que compõe a terceira etapa, foi o momento de buscar respostas mais elaboradas para os problemas encontrados, com base nas informações fundamentadas em estudos científicos, corroboram que os principais desafios identificado sobre o acesso universal ao SUS da população transexual são a discriminação nos serviços, equipamentos de saúde, a patologização da transexualidade, o acolhimento inadequado, a vulnerabilidade pelo emprego de tratamentos, que ocasionam constrangimento e conseqüentemente afastamento do serviço de saúde (ROCON et al., 2020).

**Na quarta etapa**, levantaram-se as hipóteses de solução, por meio do conteúdo pesquisado. A hipótese encontrada como medida de solução foi a realização de atividades educativas, com a equipe de enfermagem, que sensibilizasse a mesma a respeito promoção da saúde para a população transgênera assim como o uso corretamente dos pronomes.

**A quinta e última etapa** do Arco de Charles Maguerez corresponde à intervenção sobre a realidade, com o objetivo de solucionar o problema identificado. Dessa forma, o grupo elaborou um folder educativo, constando os principais desafios identificado sobre

o acesso universal ao SUS da população transexual são a discriminação nos serviços, equipamentos de saúde, a patologização da transexualidade, o acolhimento inadequado; a exigência de cirurgia; a qualificação dos profissionais; a ausência de política de atenção básica e inexistência de rede de saúde; e a escassez de recursos para o financiamento dos processos transexualizadores e de políticas de promoção da equidade e respeito às identidades de gênero trans. Ao entregar o folder, de forma individual, para cada membro da equipe de saúde, desenvolveu-se uma breve conversa sobre o tema em um curto tempo.

Após a abordagem do tema e entrega do folder, de forma individual para cada membro da equipe de saúde, os participantes tiveram oportunidade de expressar suas opiniões relacionada ao assunto, esclarecer dúvidas e sugerir possíveis mudanças.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A experiência proporcionou comprovação da importância das ações de Educação em Saúde com o objetivo de promover a saúde com excelência. Acredita-se que essas ações devem ser executadas nos mais diversos cenários, até mesmo nas unidades de clínicas de internação, que são ambientes hospitalares com limitações para o desenvolvimento de ações, devido sua intensa rotina de trabalho.

**Teichmann et al., (2024)** inferem que a assistência de enfermagem junto ao serviço de saúde é “incipiente, carregado pelo estigma e preconceito vivenciado diariamente junto aos serviços que prestam a assistência à saúde, corroborando para o afastamento dessa população em questão do serviço de saúde”.

Os mesmos autores ressaltam que a população transexual tem enfrentado níveis “nefastos de rejeição familiar, em sua maioria desde a mais tenra idade, uma vez que tal rejeição acaba por implicar em impactos negativos sobre cada indivíduo, onde desta forma contribui para o afastamento dos espaços sociais essenciais”, sem contar que provoca um aumento das dificuldades de acesso e continuidade na formação escolar (**TEICHMANN et al., 2024**). Nesta ótica “o processo de exclusão e pela falta de suporte, de apoio, a qualificação profissional se torna inviável, impondo-lhes uma interrupção do processo de acesso à cidadania e causando impactos em sua saúde mental, além de altos níveis de isolamento e suicídio” (**TEICHMANN et al., 2024**).

De acordo com Vilanova et al. (2014), a promoção da saúde é compreendida como uma combinação de apoios educacionais e ambientais que visam atingir ações e condições de vida conducentes à saúde e que envolvem a formação de atitudes e valores que levam os indivíduos ao comportamento autônomo, revertendo em benefício à sua saúde e à daqueles que estão à sua volta.

Buscando saberes diferentes ressalta-se que, quando o profissional de enfermagem busca o seu aperfeiçoamento, está colocando em prática o Art. 14º do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem, que refere que os profissionais de enfermagem devem

aprimorar seus conhecimentos técnicos, científicos, éticos e culturais, em benefício da pessoa, família e coletividade e do desenvolvimento da profissão (RIBEIRO et al. 2016).

Considerando o processo de trabalho, rotinas da unidade e o pouco tempo disponível dos profissionais, a ação ocorreu das 10 às 11 horas da manhã, das 15:00 às 16 horas e das 21:00 às 22:00 em dias alternados. Composta por enfermeiros, médicos, técnicos em enfermagem, auxiliar da higienização, serviço de nutrição, recepcionistas, agente de portaria. Salienta-se que dois médicos não participaram da atividade porque estavam em reunião, em outro departamento do hospital, no momento da ação educativa.

A atividade foi realizada dentro das próprias unidades, uma vez que era inviável os profissionais deixarem seus postos, pois o horário da ação foi próximo da hora da visita familiar dos pacientes. A educação em saúde ocorreu de forma simples, onde primeiramente o grupo composto por sete membros. Após a divisão, cada integrante do grupo abordava um profissional e solicitava permissão para abordar o tema, e entregar o folder educativo.

**No folder**, estava destacado os principais desafios identificado sobre o acesso universal ao SUS da população transexual são a discriminação nos serviços, equipamentos de saúde, a patologização da transexualidade, o acolhimento inadequado; a exigência de cirurgia; a qualificação dos profissionais; a ausência de política de atenção básica e inexistência de rede de saúde; e a escassez de recursos para o financiamento dos processos transexualizadores e de políticas de promoção da equidade e respeito às identidades de gênero trans.

O retorno proporcionado pelos profissionais que participaram da atividade foi bastante positivo, com aceitação e valorização do conhecimento construído, com profundas reflexões identificadas por meio dos discursos. Assim, constatou-se que uma atividade de Educação em Saúde, pautada nas reais necessidades do público alvo, pode provocar mudanças significativas por meio da reflexão crítica, e com isso promover uma melhor assistência que valorizem a população transgênera. Ressalta-se que a orientação e planejamento da atividade a partir de um problema real identificado na experiência prática foram fundamentais para subsidiar a ação.

Contudo, todo profissional de enfermagem deve buscar novos conhecimentos, através da participação em eventos científicos, dentre outros métodos de atualização e capacitação. Pois, dessa forma o profissional poderá exercer suas atividades diárias com autonomia, segurança e excelência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre o visível e o oculto a luz da promoção da saúde para a população transgênera e os desafios da equipe de saúde nos serviços de saúde pública partir do olhar dos profissionais atuantes junto ao serviço, infere-se que a assistência prestada junto ao serviço de saúde é incipiente, carregado pelo estigma e preconceito vivenciado diariamente,

onde este acaba por corroborar com afastamento dessa população em questão do serviço de saúde.

A partir da análise literária por meio de artigos científicos, as pessoas transexuais têm enfrentado níveis avassaladores de rejeição familiar, em sua maioria desde a mais tenra idade, onde tal rejeição impacta negativos sobre cada indivíduo, contribuindo para o afastamento dos espaços sociais essenciais, sem contar que provoca um aumento das dificuldades de acesso e continuidade na formação escolar. O processo de exclusão e pela falta de suporte, de apoio, a qualificação profissional se torna inviável, impondo-lhes uma interrupção do processo de acesso à cidadania e causando impactos em sua saúde mental, além de alto níveis de isolamento e suicídio.

Faz-se necessário investimento em educação permanente para os profissionais que atuam prestando a assistência direta e indireta ao paciente, assim, como implementar a partir da graduação disciplinas que discutam o acesso e a saúde da população transgênera, a fim de garantir que os profissionais de saúde não perpetuem as atitudes desrespeitosa ao atenderem uma pessoa transgênera, mitigando a prática excludentes que são reproduzidas de forma rotineira para população estudada que busca por assistência junto aos serviços de saúde.

Ressalta-se a importância da comunicação efetiva, pautada no respeito a identidade de gênero, o desejo de como a pessoa quer ser chamada (o) e não simplesmente prender-se aos achismos ou dogmas seguidos de preconceitos velados, fazendo-se necessário o fortalecimento das ações integradas de saúde e educação, garantindo que tanto os profissionais quanto ao usuários estejam bem informados e apoiados na prática de inclusão, só assim para assegurarmos uma promoção de saúde que vislumbre uma melhoria significativa na saúde e bem-estar da população transgênera atendidas nos serviços de saúde.

## REFERÊNCIAS

BENEVIDES, B; NOGUEIRA, S. Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. São Paulo: Expressão Popular, 2021. ISBN 9786558910138. Disponível em: <http://www5.tjba.jus.br/portal/wp-content/uploads/2021/05/dossie-trans-2021-29jan2021-1.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2024.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR, Umuarama**, v. 22, n. 1, p. 105-117, jan./jun. 2021.

CORTES. H. M.; de Moraes. A. V. C.; Santos. E. S.; de Sá. M. V. G.; Pinho. P. H. Vivências de mulheres transgêneras de um município do recôncavo da Bahia. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 1, p. e1871, 23 out. 2019.

COELHO FERREIRA DOS SANTOS, Caio Luiz; ANDRÉ MEDRADO DA CRUZ, Marcos; DE OLIVEIRA TOZETTO KLEIN, Sibebe; MORAES CORTES, Helena. Atenção integral à saúde da população trans: relato de um evento extensionista. **Revista Extensão**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 167–173, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/revistaextensao/article/view/2519>. Acesso em: 6 ago. 2024.

CORTES, H. M.; CARNEVALLI, L. M.; ARAÚJO, L. M. P.; PINHO, P. H. O (des) acesso de pessoas transgêneras aos serviços de saúde no recôncavo baiano. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 159–180, 2021. DOI: 10.9771/cgd.v6i4.36104. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/36104>. Acesso em: 6 ago. 2024.

CORTES, J. M.; PINHO, PAULAHAYASI; ARAUJO, L. M. P.; PASSOS, BERNARDO SOUSA; CARQUEIJA, ALINE SANTOS. GRUPO PAPO TRANS: EXPERIÊNCIA DE AJUDA MÚTUA ENTRE PESSOAS TRANS NA PANDEMIA - SEGUNDA EDIÇÃO. **DIVERS@! (MATINHOS)**, v. 16, p. 493-491, 2023.

DE ARAUJO ROCHA, C. B.; DE FREITAS SILVA, N.; FRANÇA GONÇALVES DOS SANTOS, R. Gênero e Sexualidade: Novas perspectivas e intersecções sobre experiências indisciplinadas. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 9, n. 3, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/58847>. Acesso em: 6 ago. 2024.

MITRE, S. M. et al.. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, p. 2133–2144, dez. 2008.

PINHO P. H.; CORTES, H. M.; ARAUJO, L. M. P.; SÁ, M. V. G. de; OLIVEIRA, L. M. B. Os itinerários terapêuticos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) de homens trans em busca do processo transexualizador. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 11, p. e9116, 5 nov. 2021.

ROCON, P. C.; WANDEKOKEN, K. D.; BARROS, M. E. B. DE; DUARTE, M. J. O.; & SODRÉ, F.. (2020). ACESSO À SAÚDE PELA POPULAÇÃO TRANS NO BRASIL: NAS ENTRELINHAS DA REVISÃO INTEGRATIVA. *Trabalho, Educação E Saúde*, 18(1), e0023469. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00234>

JAQUES, D. F.; SILVA, S. F.; SANTOS, A. A. DOS; RESENDE, M. A.; CALSAVARA, R. A.; BARROS, P. A.; SOUZA, G. de. A prevenção de lesão por pressão em pacientes acompanhados pelo enfermeiro da estratégia de saúde da família. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 50, p. e2313, 26 jun. 2020.

TEICHMANN, D. E; LOPES, E. P; REGGIORI, R. M; TECH, V. E; MORCELLI, G. DA S. THE NURSING TEAM AND THE CHALLENGES OF CARING FOR THE

TRANSGENDER POPULATION IN HEALTH SERVICES. **International Journal of Health Science**, v. 4, p. 2-8, 2024.